

# MONDLANE: UM COMBATENTE DA UNIDADE NACIONAL

## • Samora Machel

Em 1974, ainda em plena guerra de libertação, o Presidente Samora Machel proferiu um discurso por ocasião do 3 de Fevereiro, no qual realçou o papel decisivo de Eduardo Mondlane no combate pela unidade nacional. A seguir, publicamos extractos desse discurso.

«As mensagens que ouvimos explicaram-nos o significado da vida do Camarada Eduardo Mondlane, mostraram-nos o processo da nossa luta e os obstáculos encontrados e aqueles que deveremos superar no processo.

Reunimo-nos para comemorar o 3 de Fevereiro. Qual o significado a atribuir a esta reunião? Tratar-se-á de comemorar uma morte, enaltecer as virtudes de alguém que já não está connosco e por isso mesmo, piedosamente cobrimos de virtudes?

Não estamos aqui a comemorar a morte; a morte é ainda uma fatalidade biológica para os seres vivos incluindo o homem. Cada um de nós morrerá, como e quando é que não sabemos. Alguns talvez venham a morrer atropelados quando estiverem bêbados, outros serão mortos porque surpreendidos a roubar. Haverá os que morrerão de inúmeras doenças naturais, como haverá os que sacrificarão a saúde e a vida no combate popular.

Umhas mortes são inúteis: é certo

dar-nos-ão lições, mas não entrarão na história e os nomes desses mortos não serão cultivados com respeito e carinho pelas gerações vindouras.

Cada um tem a sua maneira de morrer. Os malandros têm a sua morte que corresponde à sua maneira de viver. Os capitalistas têm a sua maneira de comemorar os seus heróis, aqueles que se distinguiram a explorar os trabalhadores, a oprimir as massas e a massacrar

os povos nas guerras de agressões e repressão.

Nós também temos os nossos heróis que viveram à nossa maneira.

Anualmente comemoramos o 3 de Fevereiro porque o Camarada Mondlane aparece como um combatente da unidade nacional, um construtor da FRELIMO, um dos principais criadores da linha correcta da nossa Organização.

Muitos de nós que tivemos oca-



Mondlane e Samora: dois dirigentes, dois heróis

sião de viver com ele pudemos sentir as suas preocupações centrais, aprendemos do seu comportamento exemplar e isso serviu-nos de inspiração nos momentos cruciais.

Hoje falamos tranquilamente, mas houve o momento em que nos foi difícil acreditar que a árvore grande que nos cobria a todos tinha secado. Nesse momento todos nos sentíamos isolados, destruídos e não sabíamos como fazer da nossa organização uma organização realmente sólida.

Na nossa dor estudámos e che-

gámos a uma conclusão: a melhor maneira de chorar o nosso companheiro era fazer do seu desaparecimento fonte de inspiração, transformar a morte, transformar a dor em nova força.

Isto significava concretamente que havia a necessidade imperativa de desencadear um processo revolucionário nas nossas fileiras.

Tivemos que proceder a uma análise profunda interna, a uma autocrítica da nossa vida.

Ao analisarmos a situação interna compreendemos que deveria-

mos definir os métodos correctos de acção. O ponto de partida era localizarmos as tarefas, com quem podíamos contar, as forças verdadeiramente revolucionárias, verdadeiramente dedicadas à causa da revolução, as que fizeram o abandono de si próprio para servirem as massas. São estas forças que devemos descobrir em todas as fases pois são elas as forças motorizas do progresso revolucionário, foram elas quem nos salvou na crise que se seguiu ao assassinato do Camarada Eduardo Mondlane. □

---